

## FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – 200 ANOS\*

**Antonio Carlos Vieira Lopes**

*Professor Associado Doutor, Aposentado, da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia. Presidente da Associação Bahiana de Medicina (ABM); Salvador, BA, Brasil*

“A palavra Patrono vem do latim *patronu* e significa defensor, protetor, amparador. No dia em que nos apresentamos à sociedade enquanto profissionais procuramos timidamente por mãos de apoio, por mãos que representem confiança, competência e humanidade. Procuramos, nesse dia, nos amparar, nos proteger, nos defender pelas mãos de um mestre”

Ilustríssimo Senhor Professor Doutor José Tavares Carneiro Neto, Diretor da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia,

Ilustríssima Senhora Professora Doutora Helenemarie Schaer Barbosa, Coordenadora do Colegiado do Curso de Graduação em Medicina,

Ilustríssima Senhora Professora Doutora Eliane Elisa de Souza e Azevêdo, Ex-Reitora da Universidade Federal da Bahia e nome da Turma 2008-1,

Ilustríssimo Senhor Professor Doutor Antonio Alberto Lopes, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia.

Ilustríssimo Senhor Professor Doutor Paulo Novis Rocha, digníssimo Paraninfo da Turma,

Ilustríssimos Senhores Professores Homenageados, Doutor Jamary Oliveira Filho, Doutor Roberto José da Silva Badaró, Doutor Jorge Luiz Andrade Bastos, Doutor Raul Coelho Barreto Filho e Doutor Amado Nizarala,

Prezada funcionária homenageada, Sra. Marita Graciela Ventura,

Caro Amigo da Turma, aluno Rodrigo Barreto Lemos,

Prezada Comissão de Formatura,

Senhores pais, familiares e amigos,

Minhas senhoras e meus senhores,

Queridos formandos,

Estamos reunidos neste plenário em festa, para celebrarmos a colação de grau em Medicina de talentosos jovens, sorteados pelo destino para ser a turma primeira do bicentenário da nossa veneranda e vestuta Faculdade de Medicina da Bahia.

Neste ensejo, pretendo, inicialmente, agradecer aos meus outrora alunos, agora colegas, pela especialíssima homenagem que recebi e que no momento exerço, a de ser patrono da turma Professora Doutora Eliane Elisa de Souza e Azevêdo, a qual divido com os meus colegas professores da Disciplina de Obstetrícia e cujo teor do convite foi apresentado como introdução ao meu pronunciamento e servirá de balizamento do meu discurso.

Quero, com muita emoção, prestar as devidas felicitações àqueles que, de onde me posto, identifico pelos cabelos de um branco cintilante, que representa a sabedoria, a vivência e a experiência dos responsáveis pelo começo de tudo que agora estamos a celebrar. Refiro-me aos avós, orgulhosos participantes, por verem que os seus filhos foram capazes de conduzir os amados netos ao imponente pedestal da medicina, a mais nobre das profissões.

A vocês toda a glória e gratidão.

Aos pais, em homenagens, devolvo os vossos filhos que foram por nós acolhidos, quando da admissão ao curso médico, há seis anos passados, com a promessa não apenas de ensiná-los, mas educá-los para a prática da arte sublime e divina da verdadeira medicina.

Disse-lhes naquela memorável aula de assistência ao parto pré-hospitalar, quando é comemorada a semana do calouro, que ensinar seria fácil, difícil seria educar, prepará-los enquanto cidadãos perfeitos, para enfrentar uma sociedade tão desigual.

A nossa participação no processo ensino aprendizagem, foi pautada permanentemente por exemplos, atos e condutas, gestos e acenos, desafios e orientações, igualdade sem permissividade, firmeza sem opressão, paternidade sem paternalismo.

Procurei ser Mestre.

Mestre como é definido pelo formando João Gabriel Rosa Ramos: “Mestre, depois de pai, é o nome mais nobre e mais doce que um homem pode dar ao outro”.

Ou, ainda, como é referido pela formanda Tarsila Carvalho: “Além disso, são vocês, nossos mestres, os responsáveis por esses indivíduos que agora se apresentam à sociedade enquanto profissionais. Antes de médicos, somos personalidades moldadas por suas mãos, através de lições transmitidas em palavras e exemplos”.

Recebido em 04/09/2008

Aceito em 12/12/2008

Endereço para correspondência: Prof. Antonio Carlos Vieira Lopes. C-elo: acvlopes@terra.com.br.

\*Discurso do Patrono proferido por ocasião da formatura dos Médicos da Turma de 2008.1 da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia.

O nosso convívio foi enriquecedor, gratificante, compensador. Vocês me fizeram e me fazem jovem. Ainda ontem fui tratado como professor; amanhã serei reconhecido como doutor e não muito depois, quando perto estejamos exercendo a sublime profissão de médico, receberei o carinhoso tratamento de Toninho. Esta estória repete-se permanentemente, o que me faz pensar ter sempre a mesma idade dos meus alunos.

Destes belos jovens, fica não somente a lembrança, a saudade, mas a certeza de que foram forjados para cuidar de gente, gente com alma, gente que sofre, gente que nos estende as mãos em súplica por conforto para o seu sofrimento. Seres discriminados socialmente ou não, ricos ou pobres, carentes de acolhimento em momento de angústia pela moléstia que os atinge.

O sofrimento não seleciona estratificações sociais, é igual para todos.

A dor não escolhe raça ou cor, idade ou sexo. É a mesma para todos.

Assim, o verdadeiro médico, e todos vocês já são verdadeiros médicos, jamais deve fugir do tratamento humano, caridoso, igual e fraterno com os nossos semelhantes.

“Sobre o paciente, a formanda Vanessa Camelier de Assis Cardoso, escreveu:” Ensina-ram-nos que às vezes não será possível curar, mas confortar sempre. Revelaram-nos a importância de ouvi-los, não somente tratá-los porque em alguns casos precisam apenas de atenção”

O médico, além de oferecer ao seu paciente o saber científico, deve conhecer os mistérios da relação humana, para ser completo e bem sucedido.

Insisto sempre em lembra-lhes que paciente deve ser tratado pelo nome e não por números, ser recebido com um sorriso, mesmo que o cansaço lhes tenha abatido. Entendam a aflição de uma mãe que carrega nos seus braços um filho doente, se possível tome-o nos seus próprios braços.

Compadeçam-se com as lágrimas de um velho desamparado, sobrevivendo com uma mesquinha aposentadoria, e enfrentando horas em toscos bancos desconfortáveis de uma admissão de hospital público. Gritem, protestem, desafiem o seu gestor por melhores condições de trabalho.

Denunciem a falta de estrutura assistencial que coloca em risco de vida o seu paciente, e lhes expõe a processos ético-profissionais. Jamais vimos uma autoridade responsável pela saúde pública ser indiciado ou sentenciado, pela incapacidade de gerenciar no nosso País. Em contraposição, avolumam-se os processos nos Conselhos de Medicina e Ministério Público contra médicos expostos ao trabalho em condições inadequadas para a prática de uma medicina digna.

Obrigam-nos a praticar uma pobre medicina para um pobre povo.

Reajam, protestem não se acomodem, não silenciem.

O silêncio é a arma dos covardes.

Lembram-se, quando eu lhes dizia, em aulas, que medicina não é profissão?

Que o objetivo da medicina não é enriquecer o titulado?

Que existem outras formas de melhor remuneração?

Vocês optaram por uma vocação, assim é a medicina. Vocação!

Trabalho duro, árduo, dedicação diuturna, momentos insones, aposentos insalubres, refeições apressadas, compromissos cancelados, filhos reclamando a nossa presença, cônjuges cumprindo o papel do ausente, por força das múltiplas atividades do médico, na busca de um rendimento compatível com as necessidades da família, além do custeio com cursos, congressos, livros, revistas e bibliotecas virtuais.

A medicina requer uma formação profissional longa, permanente e definitiva. O conhecimento muda como a velocidade das nuvens, é cada vez mais abrangente, e se dissemina como o vento. Temos que acompanhá-lo e os nossos passos são curtos, tamanho o envolvimento que a profissão exige.

A medicina como profissão liberal tem sido abafada pelo sistema de saúde suplementar brasileiro. Somos obrigados a aceitar equivocadamente uma remuneração vil, que compromete a qualidade do atendimento. Com isso, o médico não dispõe de tempo para ouvir com paciência as queixas dos doentes. Falta-nos disponibilidade para a realização de um exame físico completo, bem como não nos é dado o direito de explicar a doença, nem forma de tratá-la.

Sequer fitamos os nossos pacientes nos olhos, não lhes dirigimos uma palavra de afeto, não acariciamos a face de uma criança e não beijamos a fronte do idoso.

Falta-nos tempo, roubam-nos a oportunidade de sermos sacerdotes da doutrina da cura, do amor.

Basta!

Não é esta a profissão que desejamos exercer.

Protestem, vistam o manto branco, mas comportem-se como os monges do Tibet.

Precisamos defender o SUS, programa do povo brasileiro, extraordinário e modelar na sua concepção, todavia ainda cambaleante na prática, embora seja o único a custear os procedimentos complexos de saúde, que não são cobertos pela assistência de saúde complementar.

Lutemos pelos concursos públicos e pelo plano de cargos, carreiras e salários. Na atualidade, as entidades de classe, tendo à frente a Federação Nacional dos Médicos, lutam pelo estabelecimento do piso salarial de R\$ 7.500,00, já recomendado pela Câmara dos Deputados e precisando de apoio universal para a sua tramitação nas esferas governamentais.

Foi criado no País o Programa de Saúde da Família, faz uma década. Importante projeto social na área da saúde, solução reconhecida para o atendimento das grandes massas populacionais, teima em não ser implantado definitivamente. Verbas existem, e sobram até, carecendo apenas de boa gestão. Tomando-se como exemplo a cidade de Salvador, de um planejado número de 300 unidades, apenas 97 foram implantadas e, segundo tem sido divulgado na mídia, por dificuldades da máquina administrativa, emperrada pela arcaica estrutura de administração pública vigente no nosso território. Reclamam da falta de médicos para composição das

unidades de saúde da família, sobretudo em cidades do interior, rejeitadas pelos profissionais das diversas áreas da saúde, devido à instabilidade do vínculo empregatício. Como imaginar que um jovem possa aceitar uma posição efêmera, sem amparo das leis trabalhistas, constituir família, domiciliar-se, criar e educar os filhos, para, em um impulso do gestor municipal, ser dispensado ao sabor do favoritismo?

O Brasil custa a despertar do berço esplêndido.

No convite citado no início da minha locução, foi-me pedido que os amparasse, protegesse e defendesse. Este compromisso foi ouvido. Ontem, o seu patrono foi eleito, também pela benevolência dos médicos da Bahia, Presidente da Associação Bahiana de Medicina.

Lá darei continuidade à luta por um ensino sério e voltado para as necessidades da formação do médico preparado para enfrentar as carências da população brasileira.

Serei um gladiador na defesa da dignidade profissional, remuneração justa, e por condições plenas de trabalho. Assim, acredito, estarei cumprido o que me foi generosamente pedido por vocês na carta convite, defendê-los, protegê-los e ampará-los.

Desejo, antes de concluir, revelar que Deus tem sido muito generoso comigo.

Não bastasse o laurel de patrono da turma, reúne em um mesmo palco, a Professora Eliane Azevedo, de quem fui aluno e ainda sou influenciado por sua postura ética, inteligência e dedicação de mestra.

Destaco do mesmo modo e reverencio, de modo especial, os brilhantes Professores componentes da relação de homenageados, a Dra. Helenemarie Schaer Barbosa,

Coordenadora do Colegiado do Curso de Graduação e do meu caríssimo Diretor Professor José Tavares-Neto. Reverencio a Sra. Marita Graciela Ventura, funcionária homenageada.

O Professor Paulo Novis Rocha, Paraninfo da Turma, é portador de genes especiais que justificam a sua trajetória acadêmica. Bisneto do Professor Aristides Novis, ex-professor catedrático de Fisiologia Médica, neto do Professor Jorge Augusto Novis, que substituiu o seu pai Aristides, na mesma cátedra, e filho do Professor Heonir de Jesus Pereira Rocha, ex-professor catedrático de Terapêutica Médica, todos de saudosas e vivas lembranças.

Um dia, que não vai muito distante, por minhas mãos de parteiro, Diego Barreto Lorenzo, por benevolência de Iracema e José Lorenzo e Uirá Fernandes Teixeira, por confiança de Neuza e Abel Teixeira, viram pela primeira vez a luz e, também, a minha imagem, a imagem de quem mais tarde viria a ser seu professor, patrono e colega.

Do mesmo modo, neste dia, igualmente por minhas mãos e de outros ilustres professores que compõem o corpo docente, e de funcionários dedicados, da Faculdade de Medicina da Bahia nascem para a sociedade, jovens médicos qualificados para exercerem a Medicina, respeitando os princípios hipocráticos da ética, do compromisso e do espírito de humanidade.

Agora, peço a todos os Deuses que os cubram de bênçãos, para sempre.

E, como cantou Vinicius de Moraes, “Eu sei que eu vou te amar, por toda a minha vida”.

Obrigado.